

ANTÓNIO BIZARRO

O DESEJO E OUTROS  
DEMÓNIOS

**coolbooks**

## As partes sagradas

*“Sacred parts,  
your get aways,  
You come along,  
on summer days.”*

Paul Julian Banks

### 1

– Havia uma seita russa cujos seguidores acreditavam que o pénis simbolizava a serpente e os seios o fruto proibido.

– Sim, e depois?

– Os homens amputavam o pénis e as mulheres os seios. Para se distanciarem do pecado original.

– As coisas que tu sabes...

– Tens alguma coisa que se beba? – perguntou ele, levantando-se da cama, arrastando os pés em direcção à cozinha.

– Água, leite...

– Com álcool...

– Sumo de laranja... – continuou ela, fingindo não ter ouvido.

– Vinho! – gritou John, abrindo a porta do frigorífico.

– Amanhã vou para Londres – disse Ingrid, a cara encostada à ombreira da porta da cozinha.

– Quanto tempo vais ficar lá?

– Uma semana.

– Eu podia ir contigo.

– É melhor não. Vou passar a maior parte do tempo a trabalhar e o pouco tempo que tiver livre vai ser preenchido com estudo intensivo. Tenho exames daqui a um mês.

– Não sei como vou sobreviver uma semana sem ti – disse John, abraçando-a.

– Tenho a certeza de que vais arranjar alguma coisa com que te entreteres.

John julgou detectar uma nota de ironia no modo como Ingrid disse aquilo.

– O que queres dizer com isso?

– Nada, não sei. Não tens nenhum livro para escrever?

– Não escrevo desde que te conheci, nem uma linha.

– Lamento imenso.

– Não, não lamentos. É sinal de que estou a conseguir escapar da minha cabeça.

Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um cigarro.

– Não devias fumar, John, pelo menos assim tanto. Também não te fazia mal nenhum deixares de beber. Não percebo por que o fazes...

– Odeio-me e quero morrer.

- Não digas isso nem a brincar.
- Vou tentar deixar de fumar e de beber, prometo-te.
- Não te quero obrigar a fazer nada que seja contra a tua vontade.
- Eu quero fazer isto por ti, meu amor, quero ser melhor.

Ingrid sorriu tristemente e beijou-o na face, como a mãe de uma criança problemática.

## 2

Conheceram-se numa palestra na Universidade de Saint Paul para a qual ele fora convidado. Uma das suas histórias mais conhecidas era sobre uma criança, Peter, que todos os dias era alvo de agressões e torturas várias na escola por parte de um aluno mais velho que lhe roubava o dinheiro do almoço, atirava-lhe a mochila para dentro do caixote do lixo, batia-lhe, apanhava-o na casa de banho e enfiava-lhe a cabeça na sanita, chegando mesmo a ameaçá-lo com uma faca certa vez em que Peter se queixou a um professor. Depois de muito penar, Peter acabou por reflectir seriamente no assunto, tão seriamente quanto a sua tenra idade lhe permitia, e engendrou um plano que levou a cabo com uma frieza inusitada. Deixou-se seguir até à casa de banho pelo seu perseguidor e, antes que ele lhe pudesse fazer alguma coisa, Peter arremessou a cabeça contra o espelho com todas as forças do seu corpo pequeno e franzino. O barulho do vidro a partir-se atraiu professores, funcionários e alunos.

Ao abrirem a porta da casa de banho viram Peter de joelhos perante o seu agressor, sangrando pela cara abaixo, pedindo-lhe por favor que não o matasse, gritando-lhes que tivessem cuidado ao se aproximarem porque o outro tinha uma faca, o que se provou ser verdade após o terem manietado. Peter ficou com algumas cicatrizes, uma delas projectava-se um pouquinho para lá da linha do cabelo, e a vítima do seu plano foi mandada para um reformatório. A palestra centrava-se na discussão da violência nas escolas e alguém no corpo docente lembrara-se de John Vargas e do seu pequeno Peter, na certeza de que ele teria algo de importante a acrescentar. Infelizmente, John Vargas estava demasiado bêbado para poder fazer mais do que coçar a testa enquanto balbuciava considerações incongruentes acerca de tiroteios em liceus americanos e a ofensiva de Jalal-Abad. Perto do fim, durante as interpelações do auditório, uma mão nívea ergueu-se no ar. Pertencia a uma mulher alta e loura, de olhos azuis e intensos, lábios rubros e voz de veludo.

– Sr. Vargas, a sua história, *Peter, the Great...* É verdade que é autobiográfica?

John parou de coçar a testa, franziu os olhos para observar melhor a sua interlocutora, mas o álcool não lhe permitia distinguir mais do que uma silhueta esguia. Um silêncio estranhamente pesado abateu-se sobre a sala. Era como se esperassem a resposta do escritor e não pudessem voltar a respirar enquanto ele não se manifestasse.

John Vargas herdara uma considerável quantia de dinheiro aquando da morte dos seus pais, um rico capitão da indústria e a sua filantrópica esposa. Nunca revelara inclinação para nada em especial, levando mesmo os seus pais a pensar que sofria de algum tipo de atraso. Quando lhe foi diagnosticada uma leve desordem do espectro sentiram-se aliviados. Uma mulher mais velha, conhecida de sua mãe, iniciou-o nos prazeres da carne e nos prazeres da leitura. Tornou-se um leitor ávido e um amante voraz. Inscreveu-se em Literatura Moderna e começou a frequentar os círculos artísticos de Saint Paul, privando com Tony Dornbusch e Anthony Willow, entre outras individualidades *paulinas*, levando uma vida boémia e despreocupada. O seu pai queria que ele tomasse o seu lugar na condução dos negócios, mas isso não o seduzia. Publicou o seu primeiro livro com a ajuda de um amigo, Julian Kronenburg, o vocalista dos Brides of Christ. Mais tarde, o seu pródromo foi reeditado pelas Edições Redshift, chegando a ganhar um prémio da crítica. Continuou a publicar maioritariamente livros de contos e um romance pelo meio. Obteve algum reconhecimento aqui e ali, sem nunca se ter tornado propriamente um escritor popular. Aliás, ele preferia assim. Escrevia por gosto, não por dinheiro, embora apreciasse o efeito que o seu relativo sucesso tinha junto de algumas mulheres. Mas ela não parecia muito impressionada com ele.

– Quem é que te disse que a minha história era autobiográfica?

– Tu – respondeu ela, soerguendo-se da cadeira.

Com a mão esquerda desviou-lhe o cabelo da testa, expondo-lhe a cicatriz sob a luz mortíça do café. Ele sentiu o calor do seu toque e viu-se a si próprio mentalmente, lamentando ter bebido tanto naquele dia. Devia estar com um aspecto terrível.

– Costumavas magoar-te muito quando eras criança?

– Não, apenas fiz o que tinha de fazer para sobreviver. Limitei-me a utilizar a minha inteligência.

– Muito provavelmente deste cabo da vida ao outro miúdo. Hoje em dia deve ser um criminoso de carreira.

– Talvez não. Talvez tenha aprendido a lição. Às vezes ponho-me a imaginar o que lhe terá acontecido. Gosto de imaginá-lo a aprender uma profissão no reformatório, a sair de lá, a arranjar um emprego, a casar-se, a ter dois filhos. Hoje em dia é um honesto chefe de família que faz tudo para que os filhos não cometam os mesmos erros que ele.

John não tinha bem a certeza se tinha sido ele a abordá-la no parque de estacionamento do campus ou o contrário. De qualquer maneira, era-lhe indiferente. Ao se aperceber de que Ingrid se estava a sentir desconfortável por estar pasmado a olhar para ela, disse:

– Pareces saída da capa de uma revista.

Eram três da tarde e John Vargas estava em casa a ler o jornal, um bule de chá à sua frente, uma chávena fumegante. Fumava o seu terceiro cigarro do dia. Normalmente seria o décimo-quinto ou décimo-sexto, mas John não estava no seu estado normal. Não bebia álcool há três dias, desde que Ingrid partira para Londres. Curiosamente, sentia mais dificuldade em ver-se livre da dependência da nicotina do que da dependência do álcool. Agora tinha uma nova dependência, uma dependência que em vez de o conduzir à degradação total estava a torná-lo um homem melhor. Um homem de uma só mulher. A campanha fê-lo pousar o jornal e levantar-se para ir ver quem era.

– Olá, Vanessa – disse John.

– Não acredito nos meus olhos – disse Vanessa, entrando com à-vontade de convidada frequente. – John Vargas a beber chá... Oh, e consigo ver o fundo do cinzeiro. Estás doente, meu querido?

John e Vanessa haviam tido uma relação amorosa fugaz que depois evoluíra rapidamente para uma amizade sincera, mais do género da que existe entre dois homens do que entre um homem e uma mulher. Olhou para ela e de súbito compreendeu que não podia continuar a ser seu amigo.

– Finalmente aconteceu, Vanessa, aquilo que tanto eu como tu julgávamos impossível.

– Não acredito – disse ela, sentando-se.

– Acredita que é verdade. E tu sabes o que isso significa.



– Queres dizer?...

Ela sabia o que aquilo significava, embora estivesse a sorrir, como se não acreditasse muito. John contou-lhe como tinha conhecido Ingrid, como se tinha apaixonado por ela, de como tinha tido a sorte de ela se ter apaixonado por ele. Vanessa levantou-se, alisou a saia e, antes de se ir embora, disse:

– John, nós somos amigos há muito tempo, conheço-te melhor do que ninguém. Quando voltares ao normal telefona-me. Saímos, bebemos uns copos e continuaremos a ser bons amigos, está bem?

Inclinou-se sobre ele e beijou-o nos lábios.

– Adeus, Vanessa.

## 6

John foi buscar Ingrid ao aeroporto uma semana depois de se terem separado pela primeira vez desde que estavam juntos. Sentiu-se invadido por uma onda de euforia quando voltou a tê-la nos braços. Ela estava cansada, mas parecia contente por vê-lo.

– Estou farta, estou farta desta vida... – disse Ingrid no caminho para casa.

– Porquê, o que aconteceu?

– Nada de especial, é um acumular de coisas que me chateiam. Tenho dinheiro suficiente para deixar de trabalhar e dedicar-me aos estudos e se calhar é o que vou fazer. Quero afastar-me do álcool, das drogas, daquele ambiente de mercado de carne. Sinto-me velha e gorda.

– Não digas disparates.

– É verdade, as modelos que trabalham comigo são cada vez mais novas e mais magras, todas obcecadas em perder peso e contar calorias, metade delas provavelmente sofre de dismorfia. Não aguento mais, John.

Em casa de Ingrid, John ajudou-a a desfazer as malas, pôs a roupa na máquina de lavar, depois fez chá para os dois.

– Não bebo há seis dias – disse John, um tudo ou nada orgulhoso.

– Isso é ótimo – disse ela, a mão no seu ombro.

– Como é que te sentes?

– Terrivelmente mal. O mundo é horrível quando estamos sóbrios. Suponho que vou ter de me habituar.

– Vais conseguir, meu amor, eu sei que vais.

– Não serei capaz sem ti. De qualquer modo, mantive-me ocupado. Voltei a escrever. Estou a trabalhar num conjunto de ensaios e a pensar em publicá-los. O mundo segundo John Vargas, uma treta desse género.

– Ainda bem, já estava a ficar preocupada. Não quero ser uma má influência na tua vida.

– Não sejas tola – disse ele, sorrindo.

Notando o seu ar de cansaço, conduziu-a até à cama e fê-la deitar-se. Beijou-a na testa e disse:

– Diz olá aos anjos, meu amor.

## 7

Sem que algo de significativo se tivesse passado, Ingrid e John deixaram de se ver com tanta frequência. Começou a época de exames, e ela apenas saía de casa

para ir à Universidade para logo voltar aos livros. John julgou notar uma mudança de atitude por parte dela, uma certa frieza incaracterística que achou um pouco estranha. Chegou mesmo, certa vez que lhe telefonou, a ser ríspida com ele, censurando-o por estar sempre a interromper-lhe o estudo. Resolveu deixá-la em paz enquanto durassem os exames, mas não conseguia deixar de pensar que havia algo mais por detrás daquele estado de coisas. A vida continuou sem alterações significativas. Ingrid continuava em exames, e John estava embrenhado na edição do seu pequeno livro de ensaios. Era um opúsculo que provavelmente iria interessar mais aos seus admiradores acérrimos do que talvez à crítica. Continha algumas memórias, sinopses de alguns dos seus contos, uns publicados, outros inéditos, e a sua visão acerca de assuntos como a religião, a existência de vida extraterrestre, o aborto, o racismo, a homofobia, a literatura e a música. Telefonou-lhe uma noite e ouviu a sua voz pré-gravada no atendedor de chamadas. Tentou ligar-lhe para o telemóvel, mas estava desligado. No dia seguinte foi à Universidade e um dos seus professores informou-o de que Ingrid mencionara que iria estar fora do país pelo menos duas semanas. Um sentimento de derrota deixou-o deprimido. Nos dias que se seguiram procurou conforto na garrafa, mas o álcool só ajudava a amplificar a sua depressão, e, pior ainda, deixava-o paranóico e pré-suicida. Um milhão de conjecturas assaltavam-no durante o sono, impedindo-o de dormir, e até durante o dia, fazendo-o comportar-se erraticamente. Alguma coisa fizera Ingrid afastar-se dele.

Teria sido alguma coisa que tinha feito? Não sabia. Se fosse esse o caso, julgava que tinha o direito de se defender e de corrigir o mal que porventura tivesse feito. Ao mesmo tempo que reflectia sobre a sua relação com Ingrid, John auto-analisava-se, tirando desse exercício conclusões bastante surpreendentes. Estava mesmo apaixonado por aquela mulher. Não mentira a Vanessa quando lhe dissera que o impossível acontecera. Conhecera a mulher que iria fazer dele um homem honesto e sóbrio. Nunca por um momento que fosse nenhuma mulher o fizera sentir isso. O problema agora era fazer Ingrid compreender que o seu amor era verdadeiro. Talvez ela julgasse que ele só se sentia atraído sexualmente por ela, o que, sendo Ingrid uma mulher tão bonita, devia ser o caso da maioria dos homens com quem ela se relacionara. Começou a tomar comprimidos para dormir e, se o ajudavam à noite, de dia deixavam-no grogue e apático. Fê-lo lembrar-se de uma história que escrevera na sua juventude, *Uma vida melhor através da química*. Por fim decidiu que ia manter-se limpo e concentrado no trabalho. Pelo menos até Ingrid regressar.

## 8

Duas semanas haviam passado e Ingrid devia estar prestes a voltar. Por isso, esperou por ela. Rondou o prédio dela dia e noite, até que a viu sair de um táxi. Por um segundo pareceu surpreendida, mas logo assumiu a expressão de quem já estava à espera daquilo.

– Olá, John.

- Olá, Ingrid.
- Temos de conversar.
- Sim.

Ajudou-a com as malas e não disseram nada até entrarem na casa dela.

- Estiveste onde desta vez?
- Milão.

- Porquê, Ingrid? Por que fugiste de mim?

- Tive de me afastar de ti para poder descobrir o que realmente sinto por ti. E descobri que não posso viver mais contigo.

- Porquê? O que foi que eu fiz?

- Tu sabes.

- Não sei, não sei mesmo.

- Quando estive em Londres.... Regressei mais cedo, para te fazer uma surpresa. Fui à tua casa, ia entrar pelas traseiras e vi-te com uma mulher. Vi-te a beijá-la...

- Foi por isso?

John não acreditava no que estava a ouvir.

- Ingrid, não compreendes? Esse beijo foi um beijo de despedida, não vejo a Vanessa desde então. Cortei com tudo o que me prendia ao passado para poder dedicar-me a ti a cem por cento, a duzentos, a mil por cento. Já não bebo, fumo dois ou três cigarros por dia, tomo banho com mais frequência...

- Olha, John, eu conheci muitos homens como tu. Homens como tu não mudam assim tão facilmente.

- Homens como eu?

- Homens com a tua reputação.

– Até homens com a minha reputação podem mudar. Não tem sido assim tão fácil. Mas eu mudei. E posso mudar ainda mais, apenas preciso que acreditem em mim, e não na minha reputação.

– Desculpa, John, gostava de poder acreditar em ti, mas não consigo.

Lágrimas afloraram aos olhos de Ingrid. John quis abraçá-la, ela desviou-se.

– Tenho muita pena – disse ela com a voz embarcada pelo choro. – A nossa relação não se pode basear apenas em sexo. É preciso haver mais do que isso, muito mais do que isso. É preciso haver confiança e eu não posso confiar em ti, John, lamento.

– Mas tu podes confiar em mim, Ingrid, tens de me dar o benefício da dúvida. Eu seria incapaz de fazer alguma coisa para te magoar. Não é justo, sabes? Eu também tenho sentimentos. Merecia mais do que isto. Devias ter-me dado uma oportunidade. Em vez disso, julgaste-me e condenaste-me, sem que eu me pudesse defender. Eu amo-te, Ingrid, eu amo-te muito e, por pior que seja a minha reputação, quero que acredites que eu nunca disse isso a nenhuma mulher. O sexo já não é importante para mim, apenas tu és importante, eu podia amar-te mesmo que não houvesse sexo entre nós, mesmo se fôssemos assexuados.

– Mas não somos assexuados, John, e eu não te posso exigir uma coisa dessas. É por isso que acho que não devemos voltar a ver-nos, nunca mais.

– Ingrid...

– John, é melhor ires-te embora. Estou cansada

e amanhã tenho de acordar cedo, ainda tenho de desfazer as malas, por isso...

Ingrid abriu a porta e deixou o caminho livre para John, evitando sempre olhá-lo nos olhos. Ele ficou parado no limiar da porta, como que a querer adiar o inevitável. Por fim, ela olhou para ele.

– Adeus, John, desejo-te a melhor das sortes.

– Ingrid...

– Adeus, John – repetiu ela, e beijou-o na face.

Depois de John sair, Ingrid enfiou-se no duche. A água caiu-lhe sobre o rosto e lavou as lágrimas que não tinham parado de correr desde que ele se fora embora.

## 9

Por volta das duas da manhã dessa mesma noite, Ingrid dormia profundamente depois da sua viagem de regresso desde Milão. O seu confronto com John foralhe muito doloroso, mas depois do sucedido sentira-se aliviada. Ficara contente por saber o que a esperava antes de o seu envolvimento com John se ter tornado mais sério. Já fora magoada antes. Era tempo de se proteger. A campanha arrancou-a do seu sono sem sonhos. Estremunhada, sentou-se na borda da cama, os pés no chão frio do quarto, perguntando-se a si mesma quem seria àquela hora da noite. O som insistente da campanha começava a bulir-lhe com os nervos, e a meio do caminho para ir ver quem era lembrou-se de John. Agora batiam à porta com a mesma insistência, e de súbito sentiu-se assustada. Espreitou pelo olho mágico

e viu John, o cabelo desgrenhado, segurando algo com a mão direita e batendo à porta com a esquerda.

– John, o que queres a esta hora? São duas da manhã, vai para casa.

– Quero dar-te uma coisa.

– Oh, John...

Ingrid abriu a porta e John aparentava ter sido vítima de um acidente de viação. Tinha uma caixa de cartão na mão e manchas de sangue por toda a roupa. O cheiro a álcool fê-la desviar o rosto de nojo.

– Oh, John, o que foste tu fazer? Estás bêbado... E o sangue... Espero que não tenhas tentado nenhuma estupidez...

– Não, não, eu trouxe-te uma coisa, uma prenda, não, uma prenda não, uma prova.

Ingrid pegou-o pelo braço e fê-lo entrar em casa. Levou-o para a cozinha, obrigando-o a sentar-se numa cadeira. Foi à casa de banho em busca do estojo de primeiros socorros enquanto John continuava a balbuciar incoerentemente.

– Espero que não te tenhas magoado seriamente, John, senão tenho de te levar para o hospital...

– Eu amo-te e trouxe-te a prova, o sexo não significa nada para mim porque tu és feita de luz e eu quero ser como tu.

– Deixa-me ver onde te magoaste, John, levanta a camisa – disse ela, pousando o estojo de primeiros socorros sobre a mesa da cozinha.

– Está aqui a prova... – disse ele, pondo a caixa de cartão nas mãos dela. – Abre-a, Ingrid, abre-a, e verás



que eu estava a dizer a verdade, nada mais do que a verdade...

Ingrid segurou na caixa com as duas mãos, interrogando-se acerca do seu conteúdo, temendo saber o que estava lá dentro. Olhou para John e viu o seu rosto branco como a cal. Aos seus pés formava-se uma poça de sangue cada vez maior.

– Tenho de te levar para o hospital, John, e depressa...

– Não quero, não quero...

A voz de John era agora apenas um murmúrio quase inaudível. Acabou por se calar e a sua cabeça pendeu para a frente, batendo na mesa com estrondo. Ingrid assustou-se com o barulho e largou a caixa de cartão.

– John... John!?!...

Ingrid levantou-lhe a cara e, ao ver-lhe os olhos revirados, sentiu um arrepio na espinha. Largou-o de qualquer maneira, as mãos a tremer, o coração a bater-lhe no peito descompassadamente. Levou a mão à cara, sentindo-a contorcer-se num trejeito de dor, e nesse momento teve a certeza de que John Vargas estava morto. Fizera algo de muito horrível a si mesmo e esvaíra-se em sangue. Viu a caixa de cartão no chão a seus pés e um paroxismo de horror tomou conta de si. Caiu sobre os joelhos, tolhida por soluços convulsivos, olhando alternadamente de John para a caixa e da caixa para John. Rastejou na direcção da caixa, pegou nela, e antes mesmo de abri-la Ingrid já sabia o que estava no seu interior.